

Decisão do Citicorp já afeta o Brasil

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O Brasil está pagando um preço mais alto para seus créditos de curto prazo, no valor de US\$ 15 bilhões, desde ontem, depois que o Citicorp anunciou que elevava suas reservas para cobrir eventuais perdas em seus empréstimos, num passo que talvez seja agora seguido por outros grandes bancos norte-americanos.

"Estamos mortos aos pés dos bancos" — desabafou um dos 15 banqueiros brasileiros em Nova York, resumindo o que qualificou de "terrível situação".

Enquanto a *prime* (taxa de juros básica) está a 8 e 1/4, os bancos brasileiros estão pagando 8 e 3/4. E a *Libor* estava ontem a 7,6%. O *spread* ficou entre os 2 e 2,5%.

"A consequência é a de que nós vamos pagar um pouco mais pelos US\$ 15 bilhões. E novamente vamos ter mais dificuldades para financiar as nossas importações. Muito mais", comenta o banqueiro brasileiro, listando alguns sinais já detectados de "um crescendo nas dificuldades".

1. A Petrobrás enfrentou sérios obstáculos para abrir cartas de crédito para importar petróleo, recentemente;

2. A indústria farmacêutica está encontrando grande resistência para importar seus produtos, pois não há quem confirme suas cartas de crédito;

3. A Siderbrás, que precisa importar carvão, está pagando uma comissão de 5% ao ano para conseguir confirmações de cartas de crédito (antes, elas eram dadas a 1%) o que encarece a produção nacional;

4. A indústria automobilística está tendo dificuldades em sua importação rotineira de 2% a 3% de componentes para os veículos que fabricam;

5. Sem receber o direito autoral antecipado, uma gravadora norte-americana não exportou a matriz de um disco que uma gravadora nacional queria lançar no Brasil.

"Milhares de importadores brasileiros estão passando por esta situação, e os exemplos podem ser multiplicados — estes lembrados são apenas os recentes" — comenta o banqueiro brasileiro, acrescentando:

"Nós estamos caminhando para o desastre", ele ainda adverte. "Só não sei onde é o ponto de colisão."

— O senhor acha que o passo dado pelo Citicorp foi perigoso para o Brasil? — perguntei a este banqueiro que pediu para não ser identificado, confirmando uma regra corrente para a imprensa em geral, a de que "banqueiro não tem nome".

SILÊNCIO

"O Citi foi o primeiro banco a enfrentar a realidade. O Citicorp entendeu que a realidade é esta: o Brasil não vai pagar juros nos próximos dois, três anos. E o principal, nem se fala. O Citi fez isto porque era inevitável. Os outros bancos estão numa política de avestruz: enfiam a cabeça no buraco para não ver o perigo."

O próximo banco que talvez siga o Citicorp seria o Manufacturers Hanover, que ontem declarou que "os principais credores (dos países latino-americanos) tinham considerado há algum tempo o mesmo" (elevar as reservas para cobrir perdas com seus empréstimos não pagos). "Agora, isto será mais intensamente considerado." Outros bancos mantiveram-se num silêncio enigmático, com seus porta-vozes em reuniões intermináveis, levando-se em conta as desculpas que a imprensa em geral recebia

ao procurá-los. A impressão entre analistas bancários norte-americanos, porém, recolhida pelo *The Wall Street Journal* para a sua edição de ontem é a de que os outros bancos acabarão imitando o Citicorp.

"É a melhor coisa que podem fazer, nas atuais circunstâncias", considerou um dos analistas. Já o porta-voz do Federal Reserve Board, Joseph Coyne, comentou que "a decisão do Citicorp não abre um precedente para outros bancos".

O próprio Citicorp, ontem, procurado com insistência pelo *Estado de S. Paulo* e *Jornal da Tarde*, para que comentasse a interpretação de que seu passo de anteontem foi o primeiro na direção de iniciar uma ação judicial contra o Brasil, sem a intenção de executá-lo, mas só para descarregar seu prejuízo no Imposto de Renda, nada quis comentar. O porta-voz do Citicorp ficou de contar um jornal, uma revista e uma tevê brasileiros que o procuraram, mas não o fez. A um repórter que o encontrou antes, apenas declarou que "não confirmava nem desmentia" a informação, e que "mais tarde falarei sobre isto".

"Vou tratar da história como um boato" — decidiu o repórter.

Um boato? Consultada outra vez, a fonte — que mostrou que um dos objetivos da decisão do Citicorp seria, a longo prazo, recuperar parte e seu prejuízo, descontando-o do Imposto de Renda — manteve-se firme, ontem:

"É evidente que existem planos para isso na gaveta dos advogados do Citicorp" — ele afirmou, lembrando até que o antecessor de John S. Reed, o atual presidente do Citicorp, Walter Wriston, hoje membro do conselho de administração, revelou há pouco tempo, numa conferência que fez numa cidade do interior dos Estados Unidos, que "o Citicorp tinha planos para seqüestrar bens brasileiros", cobrando seu empréstimo ao Brasil, de que foi um dos grandes responsáveis, num tempo em que defendia a tese de que "países não vão à bancarrota".

— O sr. acha que a leitura do longo comunicado divulgado pelo Citicorp leva à conclusão de que uma ação pode ser iniciada contra o Brasil?

"Ah, leva. Leva. Porque no momento em que o banco tira do lucro e põe em reserva, ele não economiza Imposto de Renda. O IR está sendo pago sobre o lucro dele. Se o seu lucro seria de 500 milhões de dólares, como se imaginava no trimestre, e ele está tendo um prejuízo de 2,5 bilhões de dólares porque transferiu 3 bilhões para a reserva, ele pagará IR sobre os 500 milhões".

INTERESSES

Segundo este banqueiro, para conseguir deduzir do Imposto de Renda seus prejuízos com empréstimos perdidos, o banco precisa de uma certidão de que esgotou todos os recursos para a cobrança. E a certidão é passada por um juiz. Isto não significa necessariamente que o Citicorp executaria a sentença, e nem poderia, no caso de um país que é soberano. Já em nível político, atuando com outros bancos no Congresso, o Citi poderia forçar uma mudança de legislação.



NY ontem: calma na sede do Citicorp dirigido por Reed

"O John Reed está muito bem assessorado. Ele tem interesses muito grandes no Brasil. Eles não são apenas US\$ 4,6 bilhões. São toda uma rede que o Banco tem lá, uma rede muito forte. Ele não quer agora fazer declarações que tenham uma repercussão indesejada. Está muito cuidadoso. Uma vez ele declarou que se o Brasil não pagasse sua dívida externa não receberia dinheiro novo nos próximos 20 anos. Foi muito atacado pela imprensa e políticos brasileiros. Mudou de tática: hoje o que ele diz não é exatamente o que está fazendo do banco" — comentou o banqueiro.

"Brilhante" — disseram de John Reed, o presidente do Citicorp, vários de seus colegas americanos, mesmo seu antecessor, Walter Wriston. Mas as reações ainda eram mistas, durante o dia de ontem. Sua decisão pode frustrar as tentativas de vários governos, entre eles o norte-americano, de desmontar a bomba-relógio da dívida do Terceiro Mundo, diz o *The Wall Street Journal*, que



espalhou o assunto em três páginas, a partir de sua capa.

Já os funcionários do governo norte-americano, falando extra-oficialmente, concordavam que quanto maior as reservas menos vulnerável é o banco, concluindo que o Citicorp terá agora diante de seus devedores, especialmente o Brasil, uma posição muito mais forte. No departamento do Tesouro a primeira impressão era que o Citicorp val, sim, tornar-se "um negociador duro" daqui para a frente, mas que continuará emprestando o dinheiro aos países em desenvolvimento. Um analista da firma Keefe Bruyette, de Nova York, explicou que John Reed, ao contrário de Wriston, olhou com realismo para a exposição em que o banco se encontrava com seus empréstimos, e tomou a decisão que surpreendeu anteontem o sistema financeiro internacional.

"Obviamente, Reed é muito jovem. Ele tem ainda 20 anos para servir ao Citi. Assim, ele pode tomar decisões muito a longo prazo."